

Instituto Politécnico de Lisboa
 UZUMAMA
 Comédia em 1 acto
 ESTC
 Escola Superior de Teatro e Cinema

Partitura de *Uzumama*
 H. J.

1501
 F. 10

Suzanna.

Comedia em 1 acto.

Tragedia.



Portuguez.

Suzanna.

Sofia.

Suz

Jose!

S. Barbara

" S. Ferruzca.

Bayard.

Regue.

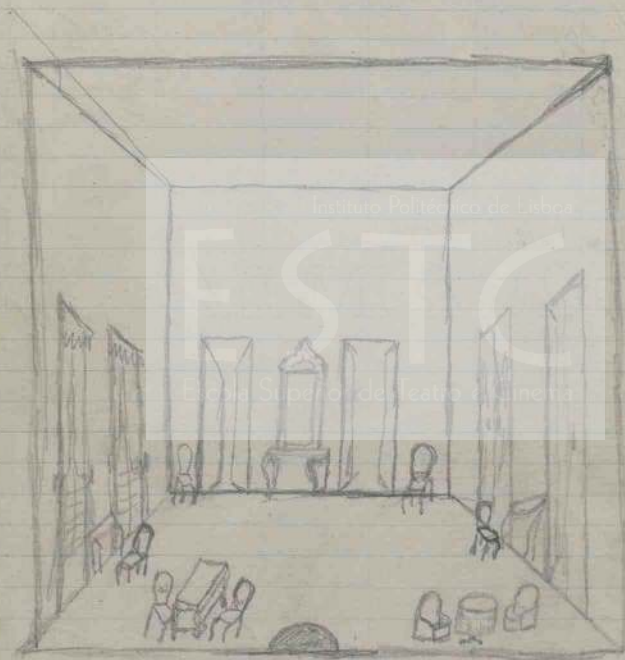
Instituto Politécnico de Lisboa

= Santarem - Actualiz. =

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema





Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Engenharia

Sala de contorn.⁶ mobitadas. Portas no F. e lateraes; a da D.
da' p.^o e os quartos de Sepulch.^o a da E. p.^o e os de Suiz. Suas
pultonas; urna meizinha em cima da qual esta' urna
patala verde. A E. T. plans, sacullas. Sobre urna das ca-
deiras urna manta. Conselles com espelha. Secretaria d' S.

Scena 7.
Soze' (4)

Soze'

/ Singrand e jo, e parandi' de frente da pultona q' esta' a' S. /
Que bella cadeira! Que estofa! q' molhas! fazem
a gente molle! Corre isto nhe e lãixa! / Santa se /
Ahi q' delicias! quasi q' se' vontade da gente es-
tar enterrado p.^o não se levantar d' ellas! O pa-
raize deve ser todo assim!... Pois sim, Sim Soze,
tudo isso e' m.^o bon, mas o traballu... O traballu?
Ora ad.^o! Non homem não e' de fino, precisa de
descarço. Se até Deus descarçou os últimos dias! e
era Deus; não admira q' eu, q' e não sou - palavra
d' homem q' não sou - descarçou no fim de 12 annos

de servir, e servir sempre uma escrava! - E' vero q'
as Sur.^{as} merecem-n'o - a tia e a sobrinha são
dois anjos calladinhos! / Bacia / Ah! / Ouve se dem-
tro touro / Sa' esta ella a tossir! pobre velha! A-
guillo e' um martello! Os taes anos de santarem
nao lhe tem feito nada. Desde abril q' nos man-
daram p.^o ca' os medicos... e ella cada vez tesse
mais... Pobre Sur.^a! / Bacia / Ah! Ah! Nao sei'o q'
e' isto, mas em me internand' da' me um sorriso...
E eu internee-me tantas vezes... Ah! ah! / Armea /

Escola Superior de Teatro e Cinema
D.B. Suma 2.
Soplica e Joz.
J. J.

Soplica

/ Bem vir Joz. / Adormeceu! acorda bem! pobre tia!
Aquelle tesse nao a deixou, e aos 70 annos e'
coiza nua. / Bacia / Ora se o Luiz rira' logo?
Ma' 2 mezes sem uma carta! Na' se la' a gen-
te ficar nos brenhos! Quantos preditos, tanto a-

mor, e agora já não se lembra de mim. Hoje, co-
mo é a festa de Santo Milagre, talvez elle cá ve-
nhá... O coraçõ diz-me q' sim... Vou mandar
vir a' estacão se elle chega no correio das duas.

uma hora e acompanhá-lo até ao divã
/Chamand' / Jze? Jze?

Jze!
/Avantand' se sobressaltad' / Já viu, já viu! O q' é?

Sofia:
Bravo! Então estava a dormir, S. C.?

Jze!
A dormir? q' idia! Estava a passar pelo son-
no! Sinto-me tão doente...

Sofia:
O quê? Também tu?

Jze!
Doente do espirito. Secularum é tão insipido..., não
se vêem senão batistas d' um viveiro de padres.

Cred'! q' antipathia. Terrara-me já achar em S.?

Sofia:
Oíha, p. S. não te posso eu mandar, isso é' com
a m. tia; agora onde te mand' e' para a estacão
de carrinhos de ferro, vê se chega uma amiga q'
eu espere hoje.

Joze!
Bem sei! uma cartuja de chapim alto e de brigode e
pisa.

Sophi:
Hoje como e' dia de festa, cae um tantarum o poder do
mundo.

Joze!
[Sophi] Bem te entendo! [Joze] Se o Sr. Luiz Maga,
dizem tambem cair ca', nao e' preciso ir p.^o o hospital,
tal curar-se da quida.... tem ali os seus quartos pre-
parados.

Sophi:
E pode ser q' venha.

Joze!
[Sophi] Espere por isso! Elle sim, a dançarina tem se'o
prezo em se'.

Sophi:
Bem. Eae a' estado, q' as entretantos sem crever a'
Suzanna, p.^o tu ditaseres logo a carta ao correio. ^{traz-se um} Ahi
da te lembas da Sr.^a D. Suzanna?

Joze!
De q.^m d' aquella q' esta' ha' o curar no Porto, com
o pai!

Sophi:
Exactam.^{te}

Joze!
Oh! q' horror! O que? Ma' um p.^o ca'? Deus nos
accuda! Se nao mudam um a idade, estamos serros.

da, vai ali com orelhas pair q' um tremor de terra.
Era da pelle de d'abrã a tal rapariga.

Supl:

Era ind'abrada era. Não, no collegio chamavam-lhe
o diabrete.

Joze:

Um diabrete? Um cois' dezanão! Andava todo n'ua
ma dança com ella; subia acima das cadeiras,
adentava os relogios, apagara as luzes, comia tortos
os dias, ensinava me tortos os recados errados, andava
va sempre a bater as portas! breds! q' medo! q' mu-
thos!

Supl:

Não te assustes, q' não vem cá. Em q' o não está
ver empregado no Porto, não sai cá de cá!

Joze:

Ainda bem! E q' lhe dava p' representar comédias?
Para isso tinha elle ~~um~~ gesto, e' verd', q' era um
gesto vel-o. Fazia de velho, de rapaz, de sabido....
Lembra se aquelles cois'....

Supl:

Pois sim, mas vai p' a entada q' jol' não e' c'edd.

Joze.

Já' entra cançado... só de pensar na viagem q' é
d' aqui a' estacão. Ah! m^{as} ricas permissivas! / Sai
p^o saci / tobe F. D.

Sopri:

Bom! Vamos a escrever a Suzanne. / tenta se a' migra
/ Vittano. / Olhe, mas não há coisa q' ventra p^o ca...
Deixa-la andar por onde vai, seja porco... Eu
gosto m^{as} d' ella, mas é: in em sanitarium e ella
na Porto.

Sopri: Político de Lisboa

Vai depressa, homem! Ah! q' fallador!

Joze:

Vou embora... / Sai até a' porta, depois vou de novo
vagar ali por ali abaixo. Nada, mas vale a pena
a gente estar-se por dois dias q' tem a viver n' este
valle de lagrimas.

Sopri:

/ Escrivendo / Sanitarium, 30 de Maio.

Joze:

Vai na sua longa longa até a' porta de F, e estampa com Suzanne
na q' vem um traje de viagem; ao vê-la dá um grito, mas Suzanne
manda e callar e esconde-se p^o não ser vista de Sopri, q'
volta a cabeça ao grito. / Ai! Ai, meu Deus!

Sophi:

Q. q. foi?

Suz:

Nada, nada, não foi nada. - Foi uma torrada q.

deu na porta. / Sophi: continuou a escrever, Suzan: tornou a
aparecer, falta um fog. q. fazendo grandes gestos d'assombrar
na F. D. Suzan: disse na porta dos pés e vem pôr-se atrás de
Sophi:

Senas 5. D. F.
Sophia e Suzanna.

Instituto Politécnico de Lisboa

Suzan:

[Sophi] Está escrevendo; não 'a mim?

Sophi:

[Suzan] Nunca vi uma estarracada assim tu.

Escola Suzan, Teatros e Cinema

Suzan:

[Sophi] É a mim, com certeza. / [Suzan] Não, não!

Sophi:

Éras um demónio!

Suzan:

[Sophi] Muito obrigada.

Sophi:

Mas o pijam de tuê... não me podes exprimir a vózes
largo de ti.

Suzan:

[Sophi] Certada! Se não fallo arrebolto? / [Suzan] Se ao collo de

Sophi: e começa a beijá-la com os maiores transportes d'allegria /

Sophi: lev. p. 2

Ai, meu Deus! o q' é isto?

O q' é isto? Sou eu! Não me conheces?

Suzanna!

Em corra e isso!

Então viste de preto?

Não, ainda lá' estou, não vê?

Vêo q' estás na m^{ma}.

Não, estou mais velha.

E um pouco feio.

Obrigada! assim é q' me recedes, heim? Idiota!

Mas viste sem um avizor, de Teatro e Cinema

Exclama! Sou uma mulher toda de surpresas.

E q' chegaste?

Hoje.

E tão pou?

Esta se a limpar do pó.

E onde estás?

Em Santarém, pois eu.

Não é isto... onde se hospedaram?

Suzan:

N'uma crecheia q' tem por fora o letreiro de Hotel.

Soph:

Mas não vem cá p' casa.

Suzan:

Tomara já... Se está uma hora na tal hospeda-
ria, dá a almeia a Deus.

Soph:

Tira o chapim.

Suzan:

Ah! já acabou o milênigateria. / Ah pô o chapim em cima
da niza, v' a pála. / O q' vem a ser isto? É' m'ôda,
cá, agora, na pálas?

Soph:

É' de m' tia.

Suzan:

É uma estô ella. In Superior de Teatro e Cinema

Soph:

Estô de cama.

Suzan:

Vou vê-a. p'.

Soph:

Agora não, q' está a dormir.

Suzan:

É' verd, m' ^{tas} saudades d' tua prima Henriqueta, q' vai
p' a China.

Soph:

Vai p' a China! Fazer o quê?

Suzan:

Apantiar cho' pundo. Mas diga-me cá: o q' tem fei-

to? Conta-me a tua vida! Já sei q' tuas coizas...
Tuam e' o noivo? E' rapaz ou velho? feio ou bonito?
ta? .. branco ou preto? militar ou ^{parlamento} ~~judicial~~? .. E' re-
publicano ou regenerador? Olha q' eu agora estou po-
litico... falto pelos partidos... estou um humano
serio... Mas o teu noivo está cá?

Joseph:
Não... expulso a hoje... Vão acompanhar um Sr. Z
mezes, q' d' vienas... esteve ali uns dias... ali ler
os seus quartos... e depois voltou p' Se.^o, e até hoje.

Suzana:
Estás seruida, m' amiga... Tódes rezar-lhe por al-
moa, Se.^o e' a periodicão dos rapazes... Natural-
mente tem la' alguma paixão, ou paixão, e
tu has de ser tão tola, q' q' elle apparecer
lhe has de fallar com toda a ternura e pié-
quice. Fazes bem. Olha, menina, isto d' no-
mens está cada vez peiores. E' uma raça
insupportavel. Se não nos dá um marital.

nas ou em litteratos; fazem jogos ou sociedades,
 desordens ou faldutas, andam multos sempre
 pelas praças de touros ou pelas caixas dos
 theatros; não nos fallam nada em cavallos
 e em caes, ou em actrices e romances. Real-
 mente dos dois generos e insupportavel. Entre
 um e outro ha' um meio termo terrivel, o ca-
 xido. Que horror! faz versos por uniceo^o e
 desordens por duiz, e e' tao' desastrado n'estas
 como n'aquellas. Ninguém d'elles sabe o q' e' o
 casamento. — uns casam por pueria, outros por
 interesse; a maior parte não caza e são os m.^{tos}
 perigosos, porq' elles os menores não nos fazem ni-
 gelizes.

Sophi:

Mas agora reparo: estás oradora?! Estás me
 impingendo um discurso!

Suzann.

Eu não te disse? estás politica e falls já' como
 um deputado.... q' falla — e q' não aburda. Se

Fugiram os rapazes vossos cair nos soltei-
ros, q^o casam p^o ter uma escrava, q^o nos
afugentam com os vossos por se lembra-
rem do nos tempos, q^o nos trancam até as
janelas por saberem q^o p^o entrar n' um
caso nem sempre e' indispensavel a porta, e
nos velloz q^o casam p^o ter uma enfermeira, e
q^o nos oferecem um tãr domestico q^o se parece
m^o com um hospital. Siqu' tens, m^o filha, o
q^o são hoje os homens. Os velloz não pres-
tam, os rapazes não ainda puzes q^o os velloz.

Descumpria de todo; não te fies em nenhum, e'
a grande maxima.

Sophi:
Tudo isso pode ser ver^o, mas deves confessar q^o
há excepções.

Agam:
Há sempre as q^o nos dizem respeito. Há nos-
sas excellentes! por exemplo, e tua... e o meu.

Sophi:

O quê? por tu vas casar?

Sim, Sim...

Suzan:

Sophi:

E achas o teu marido como excepção?

Suzan:

Não o conheço, mas faço-lhe essa justiça.

Sophi:

Como! Nunca o viste?

Suzan:

Jamais! E é o melhor p.º não desanimar.

Sophi:

Então...

Suzan:

Ah! mas conheço-lhe a letra - tem uma calligraphia soberba - nem o Carlos Silva.

Sophi:

E nunca lhe viste sequer o retrato?

Suzan:

Deve estar a estas horas no Porto. O meu, meu, dei-lhe há dias p.º Lx.º

Sophi:

Então não sabes como elle é, não lhe conheces o genio?

Suzan:

Não, mas o meu pai conhece-lhe o tio, um coronel - q.º morreu por elle, e q.º nos fez um retrato encardado. Su.º é tres crias: q.º se chama Luis, q.º é rico, e q.º é capitão. Vê? es.

Im aqui, esteu capitão

^{Sophi:}
[Sp] Luiz... militar... oh! e' irresistivel! [To]

cam a' porta! Estao a bater... sera' o meu marido?

^{Suzan:}
Espera, se for elle, diga o ca' por m' conta, e
verás depois como ~~te~~ gosta de ti.

^{Sophi:}
Pelo amor de Deus, Suzanna, não fagas al-
guma das tuas.

^{Suzan:}
Corta a bocca... Verás como eu o ponho a' ruo.

^{Sophi:}
Mas...

^{Suzan:}
Qual mas sem meus mas. Segredo e confiança
co. Vou d'itar-lhe um sinapismo d'amor.

Vai-te embora. / ^{Sophi:} me, D./B.

Acto 4.º
Suzanna e Luiz

^{Suzan:}
Bom, esteu eu meu momento. Vamos a ar-
ranjar uma comedia q' tenha por desenlace

o casam^{to} d'esse tal Suiz com a Soplúia.
 Sinto passos d'homem — conhece se pelo ta-
 cado. Toca a esconder e vamos ver se e' o
 vivinho. / Encande a abráz de reposteiro da porta da D. /

Suiz.

/Para dentro./ Quando vierem as malas, mandem-
 m'as ca' p' o meu quarto. / Para. / Ora aqui
 estou em Santarem, ao pé da m.^a noiva. Na-
 da, agora cam decididam.^a Estão feitas de dan-
 ças e de dançarinas; puz com dor no a Virtudes,
 q^e passava o dia a dizer-me: Carumbá, e a
 bater o pé, e vulto entregar os pulv^{os} ás dices
 algemas de matrimónio. Vamos cumprimen-
 tar a m.^a futura mulherzinha e ver se es-
 tá zangada por cauza da m.^a grande auzen-
 cia. Mas, n'este estado estou indecente de lhe
 apparecer... todo coberto de pó! E um capote
 sujo e' uma coisa medonha. Chamavam-me

logo tatariceiro. - Vou dar umed escova della.
/ Entra no quarto a' E. F.

Suzan:
/ Saíndo do escondenço / Magnifico. E' elle intel-
ro e entregado! Não me pareceu mal. Elegan-
te, boa cara, um pouco impuercado, mas dis-
tincto. Vamos principiar a succedê... Oh!
Musas, inspira-me! O q' hei de eu fazer?

Mi! esta pata... esta capa... cabiram de eu!
/ Põe a pata no chão e embrulha-se na capa. / Espe-
remos a deusa. / Coloca-se ao pé da porta da D. B.

Suzan:
/ Saíndo do quarto / Estou morto por vê-la. / Tropeça
n' uma cadeira. / Mãe!

Suzan:
/ Esp. / Bravo! Comeca por tropeçar acaba por
cair. / Apparece, fingindo ir de volta. / Quem procura
ra, o Sur.?

Suzan:
Mi! está ali! / Esp. / Naturalm. e' alguma
criada. / Mi! Quem fallar a's Sur.?

Suzan:
E' impossivel. A Sur. não recebem ninguém.

Suzi.

Mãe sim, mas eu sou da família.

Suzan.

Senta paciência, mas a ordem é formal...

"Não estamos em casa se ninguém... disse.
 não-me-chamam... se ninguém, ouvida? se
 ninguém!"

Suzi.

1.ª Srta. Bonito: Já se vê q' a ordem foi dada
 expressam^{te} se mim! Estas furiosas com
 a m^ã auzencia, e não me querem receber.

2.ª Srta. E a Suzi q^{ua} e'?

Suzan:

Sou a governanta? Estou cá há dois meses.

D. Mariana Angelica de Frazzoso Guerra

Pádua da Purificação de S. Jozé! Aqui ou

de me vê tive m^ã de meu... a m^ã família

e' m^ã úbre... e' m^ã antiga... no tempo de Suzi.

D. João S., q' Deus tem...

Suzi.

Bom, bom! E como está a Suzi? D. Ursula ^{sent}

Suzan:

Mal! mal! sempre com as meus toses, o seu
 catarro... sent.

Suzi.

É a menina?

Suzan.
Essa sim! Tem poucos annos, e depois anda toda
inflada com o uivô.

Suz.
Sim? Então ella ainda gosta de mim?

De quê?!

Suz.
Sim; eu sou...

Suzan.
Ah! agora comprehendo. Vg^a e o ^{meu} ~~meu~~ ^{meu} por
q^m se espera. Como ella vai ficar contente, a
meninota, andava com doida!

Suz.
Esperava eu?

Suzan.
Como os judeus esperam o Messias.

Suz.
[Ap^t] E eu q^e pensava q^e ella estava zangada
comigo! [Al^t] E tem fallado em mim?

Suzan.
Nad fallado n' outra coisa, nunca pelo uivô.

Suz. lev.
Estou pulcanda d' alegria. Parece-me um sonho.

[Da l^{da} unica testoa.]

Suzan. lev. p. 1.
[Ap^t] Ah! vai rendendo isto. Espero até q^e já

J. L.

te arranço. / *Mte.* E a ella! vai ficar louca de ventura. Ella, coitadainha, q' passa as noites a chamar-o em sonhos!

A mim?

Suiz.

Suzan.
Sim, sim! Eu durmo certo ella no m^{to} quarto, e de noite, ás vezes, ouço ella a sonhar e a dizer: Meunigue! Meunigue!

Meun?

Suiz.

E' como lhe digo. Meunigue! Meunigue! marido da m^{te} alma!

Que ouço!

Suiz.

Suzan.
Dix-te continuava, desesperei todos esses peralvilhos, q' ~~me~~ andavam a fazer a corte, q' não nos querem sende p^o passar tempo, q' lêem tanto de leviandades como de tolos! / *Pa.* Agua vai!

Suiz.

E eu q' imaginava q' toda essa anciedade era por mim! Arrebita! Quem será'o meu rival?

Suzan:
O quê! *Sim* mas é o guarda-marinha?

Suz:
Nã, *Suz.*, sou mas é o guarda do diabo!

Suzan:
Estamõs arranjados? Então o *Suz.* é outro, não
é o do mar?

Suz:
Sou da terra, por onde anda a raposa.

Suzan:
Então quera perdos... eu não sabia...

Suz:
É uma patifaria! é uma infâmia!

Suzan:
/ *Ap.* O sinapismo fez efeito! / *M.* Não me mil
desculpas... Escola Superior de Teatro e Cinema

Suz:
Nã tem de quê. *M.* Não agradeço o ter-me aberto
os olhos.

Suzan:
Se quer alguma coisa mais...

Suz:
Eu quero mas é um lençinho, p.^o desaparecimento
da terra estas vitórias venenosas. / *T.* Assim, agitados /

Suzan:
Então, com licença, / *S.*, mas ao digar a' porta tira a
pala e a capa, edj' em orz natural. / Fim do 1.^o acto.

Vamos ao L.

no Senna 15^a, D.F.
 Luiz e depois Joze!

Luiz.
 Furiado, paracando / Esta só' pulo demorados! e ve-
 nho eu aqui, a Santarem, p.^a vir rebentar esta
 bomba! Tambem aquelle maldito do Joze, anda
 sempre de Santarem p.^a Se.^a e de Se.^a p.^a Santa-
 rem, e não sabe ir a m.^a casa avisar-me p.^a eu
 não me sujeitar a uma d'estas!

Joze!
 Sil. F., com uma mala no hombro / Jurei! q.^d im-
 mensid.^e de gente! Pensei q.^d não me davam
 a mala hoje! Eu não sei onde se tra de
 metter tanto por n'esta terra!

Luiz.
 Vai a elle e apanhando por uma orelha. / Anda
 cá, meu patife!

Joze!
 Ai! o' da guarda, q.^d me desorelharam!
 Luiz.
 Largá isso e responde?

/Offendida/ Bata, mas não me chameu norras.

Então tu não conheces a D. Mourica?

A D. Mourica? /Ap! / Si, q' elle não está torra
da cabeça! a tal dançarina deu-lhe rotta ao

muito - Deixa-me ir safoando. / ^{sobe p' e} Não pagar na mala /

/Correndo a ella/ ^{Suiz. sobe!} Fogos, miseravel!

/Dando um pulo/ ^{Soze!} Si q'm me acóde! / Deixa cair a mala,
q' se abre, interiorando a roupa pelo chão /

/Fule/ ^{Suiz.} Desastrosa!

A culpa não foi m'?! / ^{Soze!} O suor, deu-lhe hoje p' a
dizer a pancada a gente /

/Seu a roupa / ^{Suiz.} Espere ahi! essa roupa não é
muita /

/De jostros, espantad / ^{Soze!} Esta agora!

/Trocaste-me a mala, idiota! / ^{Suiz.}

/Ap! / ^{Soze!} Bonito! Agora é q' elle me mata! / ^{Ap!}

Vou ir a' estacado, desmanchar o engano.

/ ^{Suiz.} Não sim, vai depressa. Mas espere; o melhor

e' ja' q' a mala esta aborta, vir se encontrassem
algum indício de q' e' o dono. Pode m.^{to} bem
ser q' elle esteja ja' na cid.^e e trouxesse a m.^{to} mala.

^{Joze!}
/p/p/ Salvei-me si' uma taboinha!

^{Suz!}
/Medunda na roupa / ^{Elle!} cartas... um retrato
de mulher...

^{Joze!}
/Esperando / M' meu Deus! E' elle!

^{Suz!}
Elle, q' m.^{to}?

^{Joze!}
Elle, o denunciante, o Diabrete, a D. Suzanna... E' im-
possivel q' tãa esta trapalhada não seja feita por
ellos.

^{Suz!}
E' vero^m, ca' esta' Suzanna e uma dedicatória. Me-
unha desconfecido; não te si' nem tu a mim - mas
vamos casar, primo da m.^{to} alma. Mi tens tua
mulher... em photographia. Fico esperando o teu
retrato e a tua mã.

^{Joze!}
Mi são exactam.^{te} as mãs d'ella.

^{Suz!}
E' original um casam.^{to} assim - e' perfectam.^{te}

a' sorte. / Viu'd o subscrypta d'uma carta / Ah!
O uoim e' o Luiz Seabra, o meu ^{antigo condiscipulo} ~~velho amigo~~
~~aluno~~ do collegio militar...

Pois vai feliz o tal ^{foz e partio a condiscipulo} ~~velho amigo~~. ^{Seu}
uma mulher q' lhe ha de casar o juizo!

^{Luiz.}
Vai ja' ja', a' estada ver se esta' la' o Sr. Luiz
Seabra; se nao estiver indaga onde elle se ha
pedra - e diz-lhe q' entra aqui, morto de desejo
de o ver.

^{Joze!}
Bom! estava ^{espero} q' nao me podia escapar
a' segunda vida a' estada. Vamos cumprir a vida.
/ Sa' q' J.

^{Anna S.}
Luiz e depois Sophia. P. B.

^{Luiz}
/ Sa', vonda o retrato / E' bonita! Tive sorte o Luiz!
Contado! e elle merece o. ^{sentou-se no esp.}
^{Sophia.}
/ Entrando pela D., ap. / Luiz! O q' esta' elle a)

vêr?... um retrato!

^{Suz.}
/Nunca/ Ml./ Guarda o retrato./ Leo. p. 2

^{Soph.} Escondem o!

^{Suz.}
/Idem/ Fiz felice em guardar a-o./ Ml./ Sophia.

/Vai comprimental-a. Soph: tem-se untaor ao pé da
nôça, e responde-l' por gesto ds perguntas de Suz,
com m.^{ta} frieza./ Como está?... Como está sua
lêa?... está melhor? /^{Soph.} Bom - tempo mi-
nico. Isto promete.

^{Soph.}
/^{Soph.} Não há' duvida q' me enganou.

^{Suz.}
/^{Soph.} Ml. faz-se mudo! Não deixa estar q' co-
nigo não tiras partido./ Senta-se a' e/

^{Soph.}
/^{Soph.} voltando a cabeça./ Senta-se... Talvez eu fosse
severa demais p.^a com elle.

^{Suz.}
/^{Soph.} Vamos a vêr q.^m quebra. Se ella não fallar
extra aqui toda a vida sem dar palavra.

^{Soph.}
/^{Soph.} Querer vêr q.^m não dormis? / Faz bulha

Suiz.

/Ap^{to}/ Vai bater a outra porta.

Sofia:

/Ap^{to}/ Agora aperte q' se levantar! / Mira um caderno de papel ao chão e baixa-se p^o o apanhar, e chamo p^o Suiz.

Suiz.

/Vai p^o se levantar instintivam^{te} e cae em si. Ap^{to}./

Alto! Então? / Finge q' dorme.

Sofia:

/Ap^{to}/ Não assim... / Respondendo a Suiz as per-

guntas q' elle lhe fez no principio da scena. / Mirando

tira o rel^{ógio} sempre com a tosse... m^{te} obrigada.

Suiz.

/Ap^{to}/ Ah! já! / Finge q' rememora.

Sofia:

/Ap^{to}/ Ora isto! Então, não está a respirar!

/Servanta se e vai a elle / Suiz? Suiz?

Suiz.

/Fingendo q' acorda / O q' é? q^{ta} me chamara?

Sofia:

/Inquietada, afastando-se / Ninguém!... Estava lat-

vaz e a sonhar! Volta e vê sentar-se

Suiz.

Porquê? eu digo "Henrique? Henrique? como certas pessoas dizem?"

Sofia:

Um parabr. Henrique! O q' quer dizer isto?

Suz.
Quer dizer q' sei tudo - Mas conhece nenhuma
Henrique!

Sofia.
Conheço; o meu primo.

Suz. In.
Este m^{me} um marinheiro - com honras de mar.
q' chura a alcatraz a cem leguas de distancia.

Sofia In.
Mas a q' proposito vem isto?

Suz.
A D. Moura, fallou...

Sofia.
A D. Moura!!

Suz.
Excusa de se fazer ingenuo, m^{me} Sen^{ra}; mas lhe
peço explicação - se' lhe digo q' esta' tudo acabado,
e n^o sempre.

Sofia.
Lhe' era isto q' elle queria! Falla, Sen^{ra} esteja n^o
sempre.

Suz.
Lhe' fofica!

Sofia.
Lhe' ingrato!

Suz.
Mas parece-me q' e' melhor separar-me dos
amigavelm^{te}.

Sofia.

Coma quito.

Suz:
 Não, m. Suz; os meus cumprimentos os me puzes. Não.
 rigue.

Soph:
 Meu Suz. Veja lá não parece o retrato. / Vai um
 n. a porta do D. e volta p. a.

Suz:
 / Ah! Mentir-me-ia a volta?

Soph:
 / Ah! Serão isto histórias da Sagemira?

Suz:
 Ah!

Soph:
 Fosse m. bem / Ficam paradas /

Suz:
 / Voltando a olhar / Não se vai!

Soph:
 / Bem / Fica...

Suz:
 / Bem / É' cas bonita...

Soph:
 / Bem / Gosto muito d'elle... / Deixo cair o lenço. Suz corre a apen-
 ar-l'o e dá-l'lo.

Soph:
 Ah! m. obrigada.

Suz:
 / Bem poder contentar / Oh! Sophica! Pensa de mim o q' quize-
 zes, ri-te, escarne-me, mas eu adoro-te.

Soph:
 E eu amo-te, Suz.

Suz:

Então e Henrique?

É um primo meu.

Sophi:

Não gostas d'elle? Não está p.^o no teu marido?

Não. És deida! A estas horas está elle a caminhar da
Churo.

Suzi:

Mas aquella velha, enganou-me.

Sophi:

Pois sim, mas verda o retrato.

Suzi:

Quem me affirma q' a velha mentou?

Sophi:

Ei... Dou-te a m.^a palavra — mas dá-me tu esse re-
trato.

Suzi:

E eu juro-te q' nunca deixei de amar-te.

Sophi:

Então... / Peço o retrato. /

Suzi:

Já vas; falta selar o jactam.^{to} / Que trazer-lhe a mãe /

Sophi: M.^a

Mãe! Oha q' charna p'bo Henrique!

Suzi:

Pois charna! charna! / Beija-lhe a mãe, repulidas vezes /

Sophi:

¡P'nsicando! Henrique? Henrique?

Scena 7.^a D. A.
O M.^o e Suzanna.

Suzan:

/ Entra, retida e guarda trancada e apparece illustrada. / pula
porta de D.^a Agui estoa.

Suzan e Septh:

Mi! / Separaram-se; Suzan abot a d., e Septh: abot a d. P.^o

Suzan:

Que infamia!

Septh:

/ Septh: recuecauda / A Suzanna! com o facto de me pino.

Suzan:

/ Corre a ella / Meu amor, a tua dice vez chamame-me. / abra-
lla a mod. de beijar. / Agui estoa sei tens pes.

Septh:

/ Baixa. / Esta g'picta.

Suzan:

/ Sim. / Calla-te! e' p. tua hem.

Suzan:

/ Septh: Estava na China e apparece aqui! E' de mais!
zombarem assim d'um homem! / Voad as caricias q.
vira

Suzan faz a Septh / Entas, sem cerimonia, d'imitade,
cavalheiro. - Eu retire-me. / Vai p. sair. / Septh

Septh:

/ Afficta, a Suzan. / Olha q' de vai se embora!

Suzan:

/ Baixa; Suzan estoa q' não sege.

Suzan. Vira

Mas arde de me retirar, cumpre me dizer a que Suzan,

q^d me emvergenda ^{por} de sei portuguez, de ver assim redaixa
da uma farda nova.

Suzann
/Ap^{to}/ Bonito! Temos scena grande! /M^{to}/ Suz!¹/ Volta
re p^o da /

Suz.
/Vendo-lhe a cara, ap^{to}/ Ora espere! E' uma mulher! e'
a cara do retrato! /Consulta o retrato./ Exactissimo!⁶/ /M^{to}/
Esta de suas ordens p^o tudo!

Suz.
/Mettendo-se sobre elle./ Sim, mas!

Suzann
E eu de mas!

Suz.
/Ap^{to}/ E' a Suzanna, não tem q^d ir. Ah! q^d edia! ella não
conduce o uivo. Veste buscar la... deixad estar. /M^{to} a
/Ap^{to}/ Minha Suz,² ja' q^d chegarmos a este ponto, não
lhe encobrivi por mais tempo a verd^e. Vou casar com
seu primo, não e' assim? Não tambem eu vou casar
com m^o primo. Aqui tem o retrato d'ella.

Suz.
O retrato d'ella!!

Suz.
E' m^o primo Suzanna, q^d vive no Porto, e q^d d' aqui
a dias, sera' m^o mulher.

Suzann

1.ª / O q' ora!

Sopri.

1.ª / Vind' e retate. / Exactam^{te} e' tu!

Suzan.

1.ª / abymado / Sou eu! Entao e' elle...

Sopri.

1.ª / Nao sei o q' hei de pensar!

Suz.

E estas cartas... / Mostra as q' tem da mala.

Suzan: p^{ra}

1.ª / Mettend' se entre ellas, e jogando nas cartas. / E' a mi^a letra.

E' meu primo; q' alegria! E' elle, o meu noivo!

Suz.

1.ª / Cavalleiro!

Suzan:

1.ª / Fuzira / Qual cavalleiro... em umos mulher, sou tua noiva.

Suz.

Minha noiva, de farda! Hehe ridiculo e subtil. fugio, Suz. ignora masinha?... Com essa cara, dizer-me q' e' mulher! e' mas e' um abar de!

Suzan:

Com a bocca!... isto nao vale... Sou tua noiva. O' Sozua, diz-lhe q' sou eu.

Sopri:

Nao sei o q' hei de fazer.

Suz.

Su' eu; e' dai' uma lição a este frangeante.

[Furiosa] Oh! Deus do céu! ^{Suzan: /} ~~era~~ ^{son} ~~mulher.~~ [Sp^o] Como
lhe hei de tirar aquella mesma das cabeças? / Ouve-se to-
car uma campainha /

^{Suz:}
Estoi a chamar, a tia.

^{Suz: p^o}
Ven unyrisuntat a agora.

^{Suz:}
[Sp^o] O m^o uiver p^o as duas!

^{Suz:}
[p. Suzan:] Sogo te explicarei tudo!

^{Suzan:}
Mas isto não pode ficar assim! / Suzan, sai! ^{D. B.}

^{Suz:}
[Agarrando Suzan:] E ~~está~~ ^{está} ha de ficar... Agora vamos a
uma explicação, cavallheira.

^{Suzan:}
[Vendo-lhe o pulso.] Ai! q. maldito homem! tem umas
mãos de ferro! Já te disse, Suz... ^{D. F.}

Scena 8.^a
Suz, Suzanna e depois Jozé!

^{Suz:}
[Demorando.] Estamos isto! agora não ha' aqui. Suz ^{as}

Suzana:

Então o q' sou eu?

Suz:

Eu não lhe servem essas mentiras. Vou bater-se co-
nigo.

Suzana:

Então eu hei-de bater-me com meu marido....

Suz:

/Entrando a correr./ Suz! Suz!

Suzana: p^{ra}Ah! ainda tem q' virá, hoje, foi o casq' de te maridada...
vais dizer q' tu sou./Entrando a cantar./ Credo! abrenuncio! Ando a desmesurar
velta!

Suz:

/A Suz./ Diz q' e' homem!

Suz:

Eu vinha...

Suzana:

Tu q' me conduzes, pallas, dejes se sou homem ou mulher.

Suz:

E' homem.

Suz:

Esta Suz? e'... / Suz da-lhe um belisca / e' lis'... bel'...

/Suzana, da-lhe outro / E' mulher... e'... / Suz, belisca o / Não
sei e q' ella e'.

Suz:

/A Suzana./ Não sei q' he' e'! Então, vé!

Suzann.

Que suria q' me faz este homem!

Joze!

1.ª Suz. / Mas, Sur., vive uma grande surra!

Suz.

O q' e' ? diz depressa.

Joze!

Sabi q' esta' em Santarem?

Suz.

Não. Quem e' ?

Joze!

A menina Virgínia, a má dançarina.

Suz.

1.ª Amada. / O que? Virte a? no Palacinho de Lobo

Joze!

Com este q' a terra ha de correr.

Suz.

Benito! E' capaz de vir fazer algum escandalo ~~este~~ ^{n'esta}

caza. E' uma mulher toda de scenas...

Suzann.

1.ª / Que agitação!

Suz.

1.ª Joze. / Toma sentido, se ella apparecer ahi, não a deixes

entrar. Vra vir se lha fallo, se evita um escandalo terr-

vel! / Sa, corre.

2.ª Cena 9.ª

Suzanna e Joze!

Joze!

Seguindo. Mas elle q' ella ca com cubro.

Quem e' essa ella? *Suzan.*

Isto sao ca' coizas... *Joze.*

Suzan.

Tu naõ sabes q' naõ quero segredos como meu uoivo?

Com o seu uoivo! Quem e' o seu uoivo? *Joze.*

Suiz, o meu primo. *Suzan.*

O que? Este q' sahui d' aqui! Entaõ sao jã tres meu.

thores... Crede, q' humum tao' immoral!

Suzan.
Este e' a xir de uoivo, a zembicar uoivo! A, q' se

ca' fosse humum, cubro gallo cantaria!

Naõ se exalte, m'! *Joze.*

Suzan.
Se eu fosse humum, ca' diria a ella, e diria-lhe: 'Vocẽ

insulta me / Caminha p' Joze sem amarguras /

Joze.
Demand. Entaõ q' e' isso?

Suzan.
Se naõ retiraõ ja' e' q' disse, ha de dar-me uma tal' facha

Joze.
Joze. Mãe! q' ella tem espada.

Suzan.
M'! sim? naõ retiraõ, tãtã? Logo te mandarei' os

meus padrinhos. Que armas? A' espada? M.^{to} Sim.
Seja a' espada!

Joze!
O' Sur.^o! não tome isso a sério. Nada de graças,

Suzann.
O' nito. Campo Grande. Está dito. Vamos. Não re-
tira a ofensa. Não? Então um guarda... / Pucha a
espada.

Si! Si!
Joze! p!

Suzann.
Está cada ao coraçõ! Não... não...

Joze!
/ Voltando as costas / Se coraçõ, não, não, não, não!

Suzann.
/ Finge dar a estrada e embainha a espada / Nenhum morto!

Joze!
Sim! Agora vamos ao enterro?

Suzann.
Mas sem mulheres e não é uma noite desafortunada! Cor-
taças de nós! É a Sophia? pobre Sophia; eu q'z
sem querer viri ser sua rival!

Joze!
Se a Sur.^o continua a ter duellas, despois-me ca' de
casa; lá p' ser morto por brincadeira, e' q' a' não
está.

Suzann:

1.ª J.ª Nada, vou abandonar a praça; renuncio as
casas⁶, e deixo a Sophie e seu uivo. ^{1.ª parte, 2.ª seq.} Volta-se a escrever.

1.ª J.ª Bem! Temer não te lhas! Alguma está ella
armando! Pobre Sr. Suiz, se casar com este demo-
nis, está ali está em Niffenpelles.

Suzan,
1.ª J.ª Dá-me uma carta a Jozé! Entregá este bilhete a' Sr.ª

D. Sophie.

Jozé!
Há c' alguma nova partitota?

Suzan:
Nã; e' uma carta de despedida. Talvez tenha hoje

m.^{na} de partir p.^o Se.^o ^{Teatro e Cinema}

Sim!! Ainda bem! Jozé!

Suzan:
Hum?

Jozé!
Que pena, q.^a pena e' o q.^o eu queria dizer.

Suzan: he
Toma lá! / Dá-me cinco tostões!

1.ª J.ª Cinco tostões! Todas as venturas; vai se embora,
e dá' dinheiro a' gente.

Suz:
Que Deus os faça felizes, e q.^o tenham m.^{os} filhos.

Joze!
/senta alegre e triste./ Entao sempre se vai embora?

Suzan:
Vou! E' preciso eu partir p:^o q^o Sophia seja fe-
liz. Parto! /Mudando logo de tom/ Nos ca' os homens
de mar, nos nascemos p:^o namoricos. O amor e'
apenas um parentesis na nossa vida! M?^o!
/las, comend. F.P.

Instituto Politecnico de Lisboa
7. 03.
Sena II
Joze e depois Sophia.

Escola Superior de Teatro e Cinema
Suz!
Suz!
No fim de tudo e' pouca q^o Suz.
Suz, parece uma uirva cae desembaracada. Elle
tem telha, tem telha, mas no fim ^{de tudo} e' um
raparigo e engracada. Com ella nao ha' nenhum
triste. /Me a bica/ Mau! Ca' me comeco a enternecer...
e ja' ca' esta' o sorriso. Eu, em me enternecendo e' isto,
durmo logo. /Senta-n^o e prepara-se p:^o dormir./

Suzan:

Joze! Joze!

Joze:
 Então! até parece q' tu v'z a v'z em sonhos, a chia.
 mas por mim... / Dolente / Joze! Joze!

Sophia

/Frisa, repete, chamando / Joze! Joze!

Joze!

Não é um sonho, é um galão! / Vai a' guarda / Sai' um!
 lá' um! / Vai p' sair / F. D.

J. B. 1
 /Entrando / Não estás aqui!

Sophi: 1

Forme lá! / Da-lhe a carta / Joze! 2

Sophi:

O q' é isto?

Joze!

É' uma carta / Vai p' sair / fobe

Sophi:

Mas o q' vem a ser?

Joze!

É' uma carta, Sui?, uma carta!

Sophi:

De q'?

Joze!

É' uma carta. Qu' me dêem aq'as... S'hei ganhar
 outros cinco tostões. / Sai F. D. F.

Acto II.

Sophia e depois Luiz.

Joseph

Estou decidida! Se se amam q' casem! serrei eu só
a padecer! / Abriu a carta / A letra de Suzanna! O
q' serrei? / ^{sentença viril} / ~~Suz~~ / ^{Suz} / ~~Suzanna~~ / Semos duas candidatas
pelo m.^o círculo ao m.^o lanam, ~~e a ideia q' eu cess~~
~~tasse p.^o triumphar com a influencia electoral d'~~
~~ti d'elle, nem por isso deo de reconhecer m di~~
~~rectos da p.^o m.^o, e portanto retiro a m.^o candida~~
~~tura.~~ Vou me proprio por outro círculo, m.^o querida,
e parto p.^o Se.^o a tratar da m.^o d'ideia ~~com ced, p.^o~~
~~nao me acobardar outro tanto.~~ Tua amiga e ex-
candidata, Suzanna. / ~~Fallas~~ / Sobre Suzanna! Sa-
crifica-te por mim; mas não accitarei o sacrificio.
Vou a estada e não a deo partir. ~~Deus queira~~
~~q' o cambio airda não tenha partido.~~ Mas de-
ficar e casar com Suz, ~~no p.^o m.^o, a sua casa,~~
~~mento está tratado, Eu e' q' deo ceder.~~ ~~deu p.^o f. e d.~~

D. F. 1

Suz

Entrou no pub F., um vir Joseph: Sem agitada, e fallando

um só alta / Noctes, não a pude encontrar em parte
alguma. Ninguém me sabe dar notícias d'ella.

Suzanna: Sophia

1.ª Ap.ª Andou a procura de Suzanna.

Suz.

Se as minhas buscas aonde ella estava...

Soph.

Suz.

Suz.

Mãe, perdê-me, Sophia...

Soph.

Sabe se já partiu o comboio extraordinário p.º Se.º?

Suz.

Ouvi dizer na praça, q' já partiu há' poucos.

Soph.

Que fatalidade! Então procurava a inutilm.º

Suz.

1.ª Ap.ª O quê! Ter-lhe com contatos...

Soph.

Partiu n' esse comboio.

Suz.

1.ª Ap.ª Mas como o sabe ella?

Soph.

1.ª Ap.ª Fortuozou-se!

Suz.

1.ª Ap.ª Se ella saltaria com a Vir.ª tudes!

Soph.

Elle escreveu-me.

Suz.

1.ª Ap.ª E' onde pude chegar a audacia.

Soph.

Entre uís esta' tudo acabad. O Inf. case com ella...

Suz.
Eu?... Casar com ella...

Sena Ultima F. D.
O. M.^{ma}, Suzanna e de qua Joze!

cl. G. Lopez

Suzan:
/ Entrando pela F. / Abriaras! abriaras! Acabarani os
disparces! Já não represente mais umedias... so' res-
ta fazer as nozes.

Sophi:
/ Ap.^{ta} / Então ella ficou... p.^{ta} que?

Suz.
/ Ap.^{ta} / O q' virá' fazer agora esta mulher?

Suzan:
Já não vou a D. Monica, e direi aqui a pala e a
capa. / Põe-se sobre a mesa. / Estás admirada de me
ver, heim, Sophia?

Sophi:
Imaginava-te já longe... a tua carta dizia...

Suzan:
E' vero^{ta}, mas já' mudei de pensar. Estive por um
triz a ir-me embora; mas ao chegar a casa encon-
trei o meu Suz, o verdadeiro, o meu noivo, e explicou-
me tudo... tudo... Este Suz esteve-se divertindo ex.^{ta} m.
custa.

Suiz.

Nad' se' soude pagar um a m^{ma} moeda.

Sofia:

Nad' comprehendendo nada.

Suiz.

Eu trouxe a mala de outro Suiz.

Suzana:

E reconhecendo-me pela meu retrato, q^o encontras na mala de meu irmão, se' toda esta embullada p^o se virar de meu disfarce.

Sofia:

Im e' ver^o, eu e' uma historia p^o me fazeres aceitar a tua dedicacão?

Suzana:

Pergunta e a elle.

Suiz p^o

E' ver^o, juro-l'o, mas aquella carta q^o recebeste...

Sofia:

Era de Suzanna.

Suiz.

Entre J. F. D. 21

[Com alivio.] Ah! [A Sofia.] Mas ta' visto tem q^o era a Virtudes?

Sofia:

Perpuitam^{te}; ia' pelo Tracy d' um homem.

Suiz.

[A Sofia.] Ah! daquelle alivio! D' aquella estoa ou livre!

Suzana:

[A Suiz.] Agora, meu primo politico, aqui tem a

sua noiva verdadeira / Sujei^{va} a mãe de Sophia /

^{Joze}
[Enternecido.] Ai! eu não sou ji^o estas scenas commo.
Enterneca-me e d'aqui a pouco estas
ventos... ~~Esta enternecido.~~ / Bruxa / Ah! ah! ah!

~~Bom! esta já a chorar.~~ / Fogo de campainha, dentro /

^{Sophia:}
E' a m.^ã tia, vamos vê-la.

^{Suzana:}
Exporem um pouco - agora vamos os tres cumprir
mental-a; mas antes... / bruxa, p^o proceçã /

- Couplet -

Se em embustes e embustices
Acaso fui das primeiras
Tambem entre as laureadas
Não serii das derradeiras.

Se esquecendo por momentos
Os meus trôzges femininos,
Eu vesti por uns instantes
Mús meais feios femininos,
E' que foi por um desforo,
Um desforo, ou uma traca,
Dizant lá fora o que quizeram
Algui chamem-lhe: Chalaca!

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema